

## PALAVRA DE AMOR

ENI PULCINELLI ORLANDI  
Universidade Estadual de Campinas

### INTRODUÇÃO

Estar NO discurso de amor é experimentar a desnecessidade do dizer. Nem necessário, nem suficiente, muitas vezes nem mesmo possível. Silência e Sentido. Sensações. Murmúrios.

Falar DE amor já é trabalhar os limites do representável. Fazer significar com palavras.

Falar SOBRE o discurso de amor parece bem mais fácil, pois já é colocar-se na possibilidade de um olhar de outro lugar, o da explicitação de um processo de significação.

Antes mesmo de entrar no assunto mais diretamente, posso adiantar que, na perspectiva em que vejo a fala amorosa, o problema são as **descontinuidades**. Que começam já porque, para o discurso de amor, a concepção dialógica da linguagem encontra seus limites. Também o comum dos sentidos da enunciação não pode abranger essa fala di-fusa e envolvente. Menos ainda os claros limites da argumentação.

Indistinação e Indiferença. Absoluto e fugacidade. É essa a sua natureza:

“E que mais, vida eterna, me planejas?  
O que se desatou num só momento  
Não cabe no infinito, e é fuga e vento”  
(*Instante*, C. Drummond de Andrade)

O agora e sempre, o aqui e o em-todo-lugar, o nunca e o já-mais, o eterno e o instante, o fugaz e o que-nunca-acaba. Eis a região (estado?) em que se dá o discurso de amor.

Sendo esse discurso o nosso objeto de estudo, imediatamente se afigura a natureza dúbia, móvel e contraditória da matéria que analisaremos. Como compreender os modos pelos quais ele produz sentidos?

Talvez fosse necessário esclarecer que não é da sexualidade que nos propomos falar. Também não é das relações amorosas como tais. É do discurso de amor, ou do amor **enquanto** discurso.

Mais simplesmente, apenas me coloco frente a essa pergunta: que mecanismos discursivos desencadeamos quando dizemos "eu te amo"? De que natureza é o imaginário em que nos movemos com esse enunciado?

A espécie de considerações que aqui faremos passa necessariamente pelo fato de pensarmos o discurso como prática simbólica, no conjunto de práticas sociais determinadas historicamente. Mas entendemos isso no interior da perspectiva discursiva. Assim, embora tomemos em conta as implicações que as práticas amorosas em seu conjunto entretêm com as formas sociais, não serão essas implicações o objeto primeiro de nossa reflexão. O que nos interessa é a historicidade mesma desse discurso, ou seja, o processo pelo qual o seu modo de inscrição histórica o configura como discurso de amor. Não é a exterioridade-fora mas aquela tecida na própria materialidade textual que nos ocupa, pois é assim que a análise de discurso suprime o "extra-discursivo" como tal para fazê-lo intervir nas próprias condições de possibilidade da constituição do discurso.

Se somos capazes de atender a essa exigência da objetividade, ou seja, nos atermos a um princípio básico da análise de discurso - o de sua historicidade - não deixamos por outro lado de fazer um recorte que tem menos a ver com a objetividade do material analisado e mais com nossas finalidades específicas de análise: trata-se da opção em tomar como objeto principal de nossa reflexão a **CONTRADIÇÃO** inscrita na materialidade do discurso de amor, tal como a anunciamos no início de nossa exposição.

"De um lado, a eterna estrela,  
e de outro a vaga incerta,  
.....  
E eu me partindo, dentro de mim,  
para estar no mesmo momento  
de ambos os lados."

(Cecília Meirelles, **Canção Quase Inquieta**)

No desenvolvimento de nosso trabalho procuraremos ir, no entanto, além de uma mera listagem de contradições, o que nos manteria no interior de uma análise de conteúdo.

Não procuraremos **interpretar** o discurso de amor em seus sentidos contraditórios mas **compreender** o modo pelo qual ele **contraditoria-**

mente produz sentidos.

Visamos assim mostrar a contradição que constitui o próprio discurso de amor. Ou seja, partimos da idéia de que o discurso de amor toca o impossível e a condição de sua realização é a contradição. Na contradição, ele **significa**.

“O que tinha na caixa era nada.

A alma, sim, era turva  
e ninguém via.”

(Adélia Prado, **A transladação do Corpo**)

O discurso de amor seria um discurso que se promete e que ao se cumprir, se nega como tal. No seu horizonte mesmo de possibilidade, ele se projeta no impossível. O eu-te-amo projeta um sentido que fica sempre no horizonte.

Nesse discurso, a contradição não é apenas um princípio geral, como o é para os discursos em geral, mas um modo de significar.

Resta dizer, nesta introdução, alguma coisa sobre a inserção de textos poéticos em nossa exposição. Efetivamente, não se trata de mera citação, no sentido de fazer os textos falarem por nós. É antes um trabalho de memória amorosa de nossa cultura, e mesmo uma confrontação de sentido, que propomos com essas “citações”.

Embora a poesia lírica seja vista, em geral, como o lugar da expressão do afeto, do amor, ela se apresenta, para nós, como um discurso **sobre** o amor e não como um discurso de amor.

Mesmo no Romantismo, lugar privilegiado para se observar esse fato, fala-se **sobre** o amor. É, na maior parte das vezes, de um “ela” (ou “ele”) que se fala. Relata-se o amor.

“Minh’alma murcha mas ninguém entende

Que a probrezinha só de amor precisa!

Amei outrora com amor bem santo

Os negros olhos de gentil donzela

Mas dessa fronte de sublime encanto

Outro tirou a virginal capela”.

(Casimiro de Abreu, **Minh’alma é triste**)

Por outro lado, quando temos um “tu” inscrito no poema, e até mesmo a explicitação de um eu-te-amo, ainda assim não se instaura a situação enunciativa do discurso de amor, de que estamos tratando.

"Teu amor na treva é - um astro,  
No silêncio uma canção  
É brisa - nas calmarias,  
É abrigo - no tufão,

Por isso eu te amo, querida,  
Quer no prazer, quer na dor...  
Rosa! Canto! Sonho! Estrela!  
Do gondoleiro do amor".

(Castro Alves, **O Gondoleiro do Amor**)

Ainda aqui é **sobre** o amor que se fala. Trata-se do autor e de seu poema e não de uma situação enunciativa do discurso de amor. Sujeito do enunciado e sujeito da enunciação não coincidem.

O Romantismo dilui o amor em tudo. In-específica. O discurso de amor, ao contrário, só funciona em seu domínio específico, em sua Ordem. Daí podermos mesmo afirmar que o discurso de amor **não** é necessariamente romântico.

De todo modo, a literatura sentimental é um princípio de codificação do discurso de amor. A produção poética, em si, simboliza um paradigma de fala amorosa que fica como modelo (como condição) na produção do discurso de amor. Sem esquecer que a poesia, na nossa cultura, é ela mesma esse modelo como forma: ritualizando nossa fala amorosa, quantas vezes fazemos versos para significar "eu-te-amo"? Nosso presente objeto de estudo, entretanto, não inclui essa instância de representação do discurso amoroso.

Nem por isso deixa de ser uma instância forte e significativa. Por exemplo, quando lemos o que pode haver de discurso de amor em um poema como

"Preciso voltar e olhar de novo aqueles dois quartos vazios".

(Ana Cristina Cesar, **A Teus Pés**)

Ou na modernidade veloz e certa de:

"Frente a frente, derramando enfim todas as palavras, dizemos, com os olhos, do silêncio que não é mudez.  
E não toma medo desta alta compadecida passional, desta crueldade intensa de santa que te toma as duas mãos."

(Ana Cristina Cesar, **Encontro de Assombrar na Cadetral**)

Transmudado, pelo próprio fato de existir na forma de linguagem especialmente voltada à fala amorosa, o sentimento de amor aí excede. Se estiliza.

Voltemos pois ao modo geral do discurso de amor.

## ESTEREÓTIPO E MULTIPLICIDADE

Nesse discurso que resvala para o impossível, a sua fala tipo (eu-te-amo) pode ser vista como a fórmula que inviabiliza o dizer de amor.

“Te amo, digo desesperada  
de que outra palavra venha em meu socorro”.  
(Adélia Prado, **Fibrilações**)

Mas se isto significa, por um lado, que a fórmula não diz o amor, de outro significa também que se pode dizer muito amor sem dizer “eu-te-amo”:

“Te pego lá na esquina,  
na palpitação da jugular,  
com soro de verdade e meia,  
bem na veia, e cimento armado  
para o primeiro andar.”

(Ana Cristina Cesar, **Aventura na Casa Atarracada**)

De um lado, o discurso do amor e a fórmula eu-te-amo não coincidem. Por outro lado, dizemos “eu-te-amo” para dizer uma infinidade de coisas: desde “onde você vai?” até emoções mais fortes, e mesmo para experimentar sentimentos “desconhecidos”, a que não sabemos nomear.

Nem por isso, no domínio do simbólico, esta fala-tipo deixa de permanecer como o dizer que evoca (paradigmaticamente) **todas** as falas amorosas. Ocorrendo ou não a fala-tipo, a situação discursiva de amor tem inscrito (é regida por) esse sentido “eu-te-amo”.

“Nem é preciso que amor seja a palavra  
Penso em você - me diz e estancarei os fêretros,  
tão grande é minha paixão.”  
(Adélia Prado, **Amor**)

E aí encontramos mais um ponto de contradição. A fórmula eu-te-amo, que inviabiliza o sentido do amor, é a possibilidade mesma de fa-



zer do amor todo seu sentido. Sem esquecer que a situação discursiva instaurada em eu-te-amo pode ser o lugar de se romper com o **demasiado cheio** do senso-comum.

Está aí a força de se pensar o **acontecimento** discurso de amor. O cumprir-se em **situação** de amor é que lhe dá sentido. O estereótipo não significa só o estereótipo. Pela sua reiteração, em situações inéditas, sentidos podem-se deslocar, multiplicar-se em sua historicidade.

Pensamos que só uma redução drasticamente pragmática se beneficia da visão do estereótipo em sua fixidez. Discursivamente, ele pode ser visto como um lugar de manifestação do dizer para ultrapassar essa fixidez mesma que ele aponta. A fórmula "eu-te-amo" é o lugar em que se manifesta a possível ruptura de sentidos pelo discurso de amor: fragmentos do já-dito (interdiscurso, ritual, memória) tornam possível um sentido ainda não - dito.

Na fórmula mesma do amor (eu-te-amo) pode acontecer, portanto, o desafio do "nada" chegar a ser um "tudo", do sintagma indiferente **instalar-se, pelo afeto, na mais clara diferença.**

E aqui vale a pena remeter à própria concepção de linguagem como limite. Amar e dizer eu te amo. A linguagem é o limite mas é, ao mesmo tempo, a possibilidade de ultrapassar o limite, jogando com ele. Ela estanca, ela evoca. A repetição pode ser a ruptura.

Vestígio da inevitável separação entre ser e significar, ela é o limite mas é ao mesmo tempo a marca desse limite. Marca: indelével presença do que falta.

O discurso do amor é trabalho de sentidos: nele, o já - lá e a falta se elaboram em suas fronteiras. Ele abre para o possível (e o impossível).

A fórmula "eu-te-amo" não está assim reduzida à imobilidade.

Ficando nos detalhes de seu aparecimento, ou na descrição de seus modos de existir, não chegaremos a compreender o seu funcionamento. Para tal, consideramos providencial o recurso à noção de formação discursiva, noção que permite observar as regularidades dos processos semânticos.

Como qualquer fragmento de linguagem, a fórmula "eu-te-amo", portanto, pode significar qualquer coisa. No entanto, a tomaremos como **etiqueta** de uma formação discursiva, a do discurso de amor. O eu-te-amo é então o sintoma, a pista de processos de significação que se inscrevem nessa **formação discursiva.**

Nesta etiqueta está representado um conjunto de regularidades enunciativas que procuraremos explicitar nessa nossa reflexão.

“Olhos por olhos  
um copo, uma gota d’água  
atrás desse flafiu  
dessa caixinha de música  
dessa bola de goma  
teu gosto, tua cor, teu som, teu meu”  
(Ana Cristina Cesar, **Visita**)

Se a linguagem como limite joga fundo nesse discurso, é porque o deslimite também se faz presente como carimbo de uma ruptura possível, iminente. O discurso de amor está sempre prestes a romper o limiar da transgressão e do mon-sense.

No fragmento que segue, podemos apreender a função objetivante da linguagem na relação do sujeito com a onipotência e a completude que, sob vários modos, atravessam essa formação discursiva:

“Os diamantes são indestrutíveis?  
Mais é o meu amor.  
O mar é imenso?  
Meu amor é maior,  
Mais belo sem ornamentos  
Do que um campo de flores.  
Mais triste do que a morte,  
Mais desesperançado  
Do que a onda batendo no rochedo,  
Mais tenaz que o rochedo.  
Ama e nem sabe mais o que ama”  
(Adélia Prado, **o Pelicano**)

## PRAGMÁTICA E CONVERSAÇÃO

Podemos resumir o que estamos expondo, repetindo o que já dissemos no início: a fala-tipo tanto pode ser, como não ser, o modo de se estar no discurso de amor.

Além do mais, o sempre mesmo risco: ao dizer, o sintagma pode tomar a forma da “declaração”, oficializando-se o sentido do amor, reduzindo-o ao mesmo, à fórmula, ao estereótipo fixo.

O juridismo (Lagazzi, 1988) da pragmática das relações leva a sensação amorosa à positividade de uma **declaração formal**: “eu-te-amo” vai assim equivaler a “eu-me-comprometo-a”. Rarefação de sentidos que coloca o dito no campo dos contratos, frente ao juiz e até na barra dos tribunais.

De outro lado, o outro risco: como para o cumprimento, ou o elogio (Orecchioni, 1988), a mera enunciação de um “eu-te-amo” pode apontar, na conversa, para a invasão de território: eu-te-amo, isto é, eu te ameaço com a expansão da minha vontade, do meu “espaço”. A injunção à resposta se coloca e com ela a obrigação de se estacionar no terreno da “troca” de falas. Inter - ação. Negociação.

O compromisso das declarações que se rege pela coerção do social sobre o “eu”, ou o seu reverso, a ameaça de invasão, que rege o jogo da conversação cotidiana coagindo o “tu”, são dois limites do discurso de amor, significando sua impossibilidade.

No entanto, se pela pragmática e pela conversação é nessas fronteiras que vamos dar, a espessura semântico-discursiva desse dizer de amor fica sempre por se mostrar e deixa irromper a sua contradição constitutiva. Explosão da forma, do código, das relações, da história.

O que, em meu modo de pensar, significa dizer que, em geral, uma concepção que derive da pragmática ou da análise conversacional reduz esse discurso a uma fórmula gerada no circuito do usuário e da troca de falas (de quem é o turno?) perdendo a dimensão de seus múltiplos modos de significar, dimensão no entanto apreensível em sua espessura por uma análise que leve em conta o discursivo.

## **RUPTURA E VIDA ORDINÁRIA**

Pela sua vocação em transcender o fixado no “todo-dia”, o discurso de amor tem sua dimensão lúdica altamente presente: desde a formulação do non-sense (“por ti eu alcançaria as estrelas”) ou as descosuras sintáticas (“você... amor ... eternamente...amor”) e muitas outras formas de desfazer a organização da linguagem para textualizar o sentimento de amor.

No conto AMOR, Clarice Lispector tematiza essa força corrosiva:

“Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava”.

Se a gente segue um pouco o curso desse texto, apreende bem essa ruptura do cotidiano:

“Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela”.

O que, dito por Adélia Prado (Corridinho), fica assim:

“É descuidar, o amor te pega,  
te come, te molha todo”.



A "falta de sentido" é onde aponta o lugar da ruptura:

"E por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou no banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram". (Amor, Clarice Lispector).

Não suportando afrontar-se com o sem - sentido, vemos como o homem tira (coloca) sentido dele (nele). Nesse caso, com a fala de amor. Que também acaba por ir além do sentido "necessário". Relação impossível entre o de menos e o demais.

É bem o traço do discurso de amor que aqui se esboça. Clarice apaga no entanto o traço, afastando, nesse texto, o desequilíbrio e se reinstalando no fio do cotidiano.

"Acabara-se a vertigem da bondade.

E se atravessara o amor e seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração".

Também o sentimento de mundo se faz no discurso de amor, contraditoriamente, entre a falta e o excesso. O muito cheio vai dar na falta de sentido:

**Falta e excesso:** são esses os componentes da ruptura nessa forma de discurso. Vistos de várias maneiras, sem deixar de enfatizar que mundo e eternidade jogam pesado nessa fala.

Através da citação de Clarice, quisemos mostrar uma das faces de ruptura no domínio do sentido amoroso. Mais adiante procuraremos mostrar a ruptura na **materialidade** mesma do discurso de amor, ou seja, na sua **textualidade** histórico-discursiva: incompletude, silêncio, duração (permanência).

## O DISCURSO DE AMOR E OS OUTROS

Quando pensamos o discurso de amor enquanto uma formação distinta de outras formações, ficam visíveis características que nos dão indicações relevantes a propósito de seu funcionamento.

Podemos pensar que, na relação entre as várias formações discursivas, há espaços de linguagem que se definem como diferentes relações do homem com a produção de sua vida.

Assim, o discurso religioso, por exemplo, instala um espaço em que o homem fala o que se pode chamar sua "espiritualidade". Esse discurso, desse modo, textualiza a relação do homem com o sagrado. Esse é o lugar em que as palavras ganham a especificidade da ordem do religioso.

Da mesma forma, o discurso de amor pode ser considerado

como o lugar em que o homem con-forma (elabora) isso a que chamamos sua sensação de amor, o espaço de sua efetividade.

Por seu lado, a elaboração desse espaço toca de muito perto uma questão crucial, a do protagonista do discurso e sua subjetividade. O discurso do amor pode, em suma, ser considerado um lugar privilegiado da textualização da relação do homem com a subjetividade.

Dizer isso, no entanto, é dizer algo excessivamente geral, que não nos leva a alargar nosso entendimento, nem a respeito do discurso de amor nem da subjetividade. A menos que possamos precisar o que significa esse lugar "mais próprio".

Nas práticas discursivas, é no discurso de amor que, em um imaginário social como o nosso, se "permite" que o sujeito se expresse, onde se acolhe seu domínio de privacidade, seu direito à singularidade. Af a subjetividade não é apenas constitutiva, ela é **mostrada**. Nessa formação discursiva, o sujeito se fala, uma vez que, por **definição**, o discurso de amor é um discurso subjetivo.

Em outras palavras, o discurso de amor é um lugar extremamente favorável para a observação de certos processos de significação que remetem diretamente à ordem do sujeito, à de sua singularidade. Processos que trabalham os **modos de individualização** do sujeito.

## **UNIDADE, DISPERSÃO, ABSOLUTIZAÇÃO: O SUJEITO EM MARCHA**

O sujeito é, como sabemos, por definição, contraditório, já que é determinando pela exterioridade (determinação externa) ao mesmo tempo em que determina seu dizer (determinação interna).

Essa relação contraditória se reflete na que existe entre sua unidade (injunção da exterioridade) e sua dispersão (condição interna).

No discurso de amor vemos a complexidade dessa relação entre unidade e dispersão, pois aí intervêm outros componentes: a **continuidade** e a **absolutização**.

No discurso de amor o absoluto trabalha a determinação interna do sujeito.

Vejamos como isso se dá.

Segundo Pêcheux (1975), a noção de sujeito se inscreve em um **processo**: a identidade do sujeito resulta de sua identificação com a formação discursiva que o domina, sob a forma de esquecimento, que funda sua unidade imaginária.

A partir dessa definição de sujeito em Pêcheux, podemos considerar que o esquecimento, o apagamento necessário que está na base da constituição do sujeito, o caracteriza em sua **incompletude** (Orlandi, 1983).

Falar da incompletude do sujeito significa dizer que o sujeito é incompleto porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não tem uma relação mecânica com a ordem social de que faz parte, porque sustenta uma relação que pode ser reversível com seu interlocutor.

Também esse aspecto dinâmico do sujeito - sua reversibilidade - aponta na direção de ser a identidade um **movimento** (processo).

Dizer, isto é, estar na linguagem, é dividir-se, entre o Um e o Outro. Essa contradição, inerente à noção de sujeito, produz uma relação dinamicamente tensa com a alteridade: um movimento que marca a identidade atomizando-a (separando-a) porque coloca em jogo uma distinção e ao mesmo tempo integrando-a, pois a identidade é feita de uma relação (um vínculo com o outro, na remissão à formação discursiva).

O espaço da subjetividade é marcado por essa tensão. Não há um sujeito-em-si (onipotente) nem um sujeito totalmente determinado pelo fora (reproduzido). Isto também compõe a noção de incompletude do sujeito: lugar da falta mas também lugar do possível. Lugar do jogo entre poder e desejo. Em movimento.

O apagamento e o desejo de completude desempenham, conjuntamente, um papel fundamental no processo de constituição do sujeito.

Sendo a incompletude uma propriedade do sujeito e do sentido, o desejo de completude é o **movimento** que permite ao sujeito o sentimento de identidade assim como, paralelamente, o efeito de (literalidade) unicidade do sentido. São muitos os sentidos que experimentamos ao dizer "eu te amo". Mas sempre os atravessamos na direção do único.

Voltando ao discurso de amor, podemos agora mostrar o seu funcionamento que, contraditoriamente, leva à ruptura.

A condição de possibilidade de todo discurso reside na dispersão do sujeito em suas diferentes posições e em sua **descontinuidade** em relação a si mesmo. As determinações externas, por seu lado, o cerceiam, imputando-lhe unidade e coerência. No caso do discurso, que é nosso objeto de reflexão, as coisas adquirem uma maior complexidade: o discurso de amor rompe com a exterioridade mas rompe também com a dispersão. Ao se cumprir como discurso de amor, este discurso apaga as diferentes posições da subjetividade, da descontinuidade do sujeito, inscritas nas condições de possibilidade de qualquer discurso. Ele dispõe, contraditoriamente, a **continuidade** e o **absoluto** como efeito de sentido: um sujeito total, eterno. Não por injunção externa, mas por qualidade interna. O que é muito mais definidor. Se se pudesse colocar isso na perspectiva racionalista, usaríamos a fórmula clássica: "Amo, logo sou". Mas na perspectiva poética fica mais ou menos assim:

“Quando ele aparece

.....  
Como quem treina para ver Deus,  
Olho a curva do lábio, a testa,  
O nariz afrontoso.

.....  
Quando sai não vejo,  
extenuada por tamanha abundância.”

(Adélia Prado, *O Coração Disparado*)

Ao dizer “eu-te-amor” manifestamos a existência e a duração da nossa subjetividade.

No discurso de amor, portanto, melhor se pode estudar o que vai além dos processos de identificação (na relação com as formações discursivas que dão forma ao sujeito) e atinge outras determinações importantes da identidade. Isto, exatamente porque se pode apreciar a identidade em pleno **movimento** (processo).

No entanto, um outro ponto de contradição se faz visível, aí.

De um lado, no discurso de amor, o sujeito se mostra e pode ser analisado em sua tendência para absolutizar-se (“Nós dois somos um”). Porém, na duração do tempo e sua inevitável contradição, ao reafirmar sua subjetividade, o sujeito **se despossui de si mesmo**.

Na fala do êxtase amoroso (em grego (ekstasis” = sair de si) há uma explosão de linguagem que se desdobra no **desgarramento** do sujeito.

Nesse desgarramento, amar é deixar-se dizer pelo discurso do outro. Ser **significado** (significar-se) pela fala do outro. Desterro e completude dão o contorno do processo que institui o jogo da identidade na condição de ser sujeito (e assujeitar-se).

No mesmo movimento em que o sujeito procura sua afirmação absoluta, ele se despossui de seu(s) lugar(es) pela posição relativa ao outro. Sem a dispersão (de posições) possível, ele se desgarra, se de-situa.

Por sua vez, este é um movimento reverso que acaba por atestar sua singularidade: se despossuir-se é sair de si, é também, e sobretudo, perder suas determinações sociais, desgarrar-se de sua posição. É, pois, de certo modo, ir além do limite. Desprender-se. Iludir-se com sua completude<sup>1</sup>. Ir ao encontro (de encontro) do “tu”.

Um “tu” que torna possível um “certo” dizer, um “certo” sentido do amor: “mon amour, pour avoir figuré mes désirs” (Eluard, *Capital de la Douleur*).

## SILÊNCIO, DIALOGIA?

Um modo de manifestação da tendência do discurso de amor em direção à singularidade (e ao absoluto) é o fato de que ele é um discurso destinado ao **silêncio**. De várias maneiras.

Primeiramente, porque o sujeito desse discurso tende para o absoluto e é o silêncio que pode significar o contínuo, o absoluto.

Depois, porque, enquanto ruptura do mesmo, esse discurso produz sentidos pelo silenciamento das outras vozes, ou das **vozes dos outros**.

Para se ouvir e se instalar no discurso do amor, é preciso calar, desse discurso, o hábito, o discurso social. O discurso social é o discurso do consenso. São vozes múltiplas que soam, no entanto, uníssonas. O discurso de amor se constrói efeitos de sentidos a partir do silêncio das outras vozes, afrouxando o laço com a exterioridade, com as vozes sociais. Para não reproduzir o discurso dos outros, já que ele se constitui pela singularização, pelo sentimento de distinção, aspiração ao individual (do sujeito e dos sentidos), os seus sentidos trabalham a distância do discurso social.

“O silêncio de quando nos vimos a primeira vez” (Adélia Prado, **Terra de Santa Cruz**). O estado de amor abre um espaço para o silêncio.

Por outro lado, a relação com a própria voz tende ao silêncio, a. dada a condição de existência do discurso de amor, que joga com a impossível, e b. também pela relação que o sujeito mantém, nesse discurso, com a própria materialidade sonora da linguagem.

Desses processos de distanciamento dos mecanismos que domesticam o plural dos sentidos (tanto pela consensualidade do social como pela coerção de um “interior”), resulta que, no discurso de amor não temos polifonia (concerto de vozes harmônicas) mas **cacofonia**: rupturas, murmúrios, explosões da forma, explosões que não são apenas possíveis mas desejadas. Um amálgama de vozes. Sentidos difusos. Desorganização das construções (do corpo da linguagem e de seu sentido) que marcam a presença de **dois**, no discurso de **um**:

“Para que sobre o resto do nada, o sono.

(Sussurro) Euvocê.”

(Ana Cristina Cesar, **Onze Horas**)

Essa indistinção, essa vaguidade, esse lusco-fusco, tem consequências sobre a temporalidade e a duração do sentido, mas representam



sobretudo uma relação especial entre a materialidade dos sons e a materialidade da dialogia. O corpo da palavra simula a fusão de corpos, de sentidos.

Não há contornos polifônicos. Há indistinção, ruptura: Eu você. Eu/apagamento. Eu você.

Apagamento da distinção das vozes, cacofonia e rupturas que estão marcadas na materialidade significativa pelo traço formal dominante que consideramos como característica típica do discurso do amor: o SÚSSURRO.

Para nós, o traço formal dominante, o modo significativo típico do discurso de amor é o SÚSSURRO.

Pelo sussurro se resvala pelos sentidos, e aqui entendemos sentido em sua ambiguidade plena: significação/sensação. Corpo e linguagem, corpo da linguagem. O corpo da palavra parece ora se impor (eu-te-amo), ora parece não ter nada a ver (qualquer coisa significa amor), ora parece indiferir (silêncio).

A atenção ao tom do sussurro nos dá fortes indicações a respeito da **materialidade lingüística** de construção desse discurso.

O sussurro é a marca (e o espaço discursivo) da cumplicidade. Espaço que não se define nem como público nem como privado. Um espaço **particular**. Um discurso não audível para os outros, só para dois. Os sentidos (se) trabalham uma sonoridade que exclui os outros, não só como interlocutores, mas mais radicalmente mesmo como meros ouvintes ("Enfim nós").

A forma de relação entre locutores, na cumplicidade, em termos de reversibilidade, é a que confunde falante e ouvinte. Ou melhor, já não se trata nem mesmo de reversibilidade, pois não há separação clara entre os interlocutores ("Nós dois somos um").

Portanto, se pensamos a dialogia, podemos dizer que a forma de dialogia dominante é a "**dialogia interna**", lugar de fusão e silêncio, que significa de forma absoluta e contínua: aí o inefável faz sua entrada. A dois.

Fluidez, indeterminação, imprecisão, são atributos da fala de amor.

"Um não sei quê que nasce não sei onde  
Dói não sei como, vem não sei porquê"  
(L.V. de Camões, **Lfrica**)

O apagamento dos contornos objetivos do som, em suas propriedades físico-sonoras (sussurro) corresponde a um apagamento dos

contornos (na dialogia) da objetividade da relação Eu/Tu. O “tu” torna esse dizer possível, mas ele não conta enquanto tal, necessariamente, nesse discurso.

Na fala de amor em que indistinção, fantasia, rupturas são o fio dos sentidos, que vozes se ouvem? **Quem** as produz? **A que** elas referem? **A quem** são ditas?

Há muito se diz que comunicação não é informação (objetividade). Talvez seja preciso dizer também que não se deve conceber a linguagem como dialogia em sentido mecânico, pois uma certa concepção da linguagem como dialogia se popularizou em um sentido submetido à ideologia da “comunicação” ou seja, dialogia af declinou-se pela sua redução (behaviorista) à comunicação (=informação).

Ainda quando se distinguem essas concepções, se propõe uma simetria, uma relação disciplinada entre locutores que fica muito longe do que se passa realmente na linguagem. Esta é uma concepção “mansa” de dialogia. E o discurso de amor mostra esse limite, pois essa forma de pensar a dialogia não tem nada a dizer do discurso de amor.

Podemos ir ainda mais longe.

Pela observação do discurso de amor, mesmo a concepção forte de dialogia (cf. Bakhtine) mostra seus limites. O discurso não é apenas **interação** (social). Ele é **PRÁTICA**. Histórica. Contraditória. No discurso de amor, eu-te-amo tem um sentido para o sujeito, na sua relação com sua interioridade, e pode ter qualquer outro sentido (jurídico, declaração) para o outro.

**A relação** do sujeito é antes com sua história de sentidos do que com o “outro”. Não esqueçamos que esse “outro” não é o “outro” empírico. O que funciona no discurso são “posições”. Históricas. Imaginárias.

O discurso de amor trabalha assim os limites da dialogia, do social, do histórico.

A dialogia, diríamos, aparecem por este discurso, como um **da** da linguagem também submetida ao seu funcionamento, e não como um princípio teórico fundamental.

De sua parte, a relação que se estabelece com a história no discurso de amor, é a que **desorganiza** a relação com a **temporalidade** e com a **memória**:

“Cada vez que se fala de amor é com jamais e sempre

.....  
A gente refaz os mesmos caminhos  
não se lembrando de nada”

(Barbara)

Há o estabelecimento de uma relação peculiar com a memória: se dizem as mesmas palavras como se fosse a primeira vez.

Além disso, é no discurso de amor que a relação que o sujeito estabelece com o interdiscurso aparece mais fortemente como sentimento de sua duração como sujeito (idêntico a si mesmo). A fantasia intervém, porém, e este discurso tem uma relação muito frouxa com o discurso da objetividade histórica.

Por isso tudo, diríamos que esse discurso, em seu modo de funcionamento, é trans-histórico. Capaz do múltiplo e da singularidade pelo modo como atravessa as injunções do particular-histórico.

A relação com a história permanece aberta nesse discurso, pois é parte de sua "encenação" a desconsideração da história-lá. Daí resulta que não há uma relação categórica com o interdiscurso mas, ao contrário, é uma relação de tensão, de ruptura possível que se manifesta: uma relação com o **silêncio**.

## TEMPORALIDADE

Essa relação especial com a história está presente na forma como esse discurso "diz" seu tempo.

Nessa fala, há uma dissonância fundamental entre o tempo do vivido e o do próprio discurso. Não é que eles não contem igualmente. O fato é que eles não coincidem flagrantemente. De um lado, há uma a-temporalidade constitutiva do discurso de amor: Cronos não pode limitar Eros. Ao mesmo tempo, no vivido, o discurso de amor se coloca na necessidade de gestos cotidianos, repetidos, exigindo um ritual circunstanciado. Mais um ponto de contradição: repetição e a-temporalidade. Sem esse ritual de circunstância e repetição, o discurso de amor não tem matéria sobre a qual se exerça; por outro lado, na a-temporalidade, esse ritual é impossível.

Contradição que deságua na idéia de **duração** (permanência) ao mesmo tempo em que elide a de temporalidade. O que trabalha esse discurso é o sentimento que o sujeito tem de sua duração como **idêntico a si mesmo** (dimensão subjetiva), e não o sentimento de sua duração como **memória** no tempo (dimensão histórica).

## REPETIÇÃO E MEMÓRIA

Há um movimento "pendular" da fala eu-te-amo que corresponde a um ritmo da memória (em abstrato). O retorno desse dito (a repetição contínua) significa menos a sua relação com o interdiscurso (o já-di-

to) e a história factual (o agora) do que a sua a-temporalidade (o sempre), sua duração "subjéitiva".

No funcionamento desse discurso, em relação à memória, a repetição tem assim um aspecto constitutivo particular.

O efeito de sentido, que põe em confronto as dimensões a-histórica e trans-histórica nesse discurso, tem a sua sustentação na **repetição**: "A cada vez, a cada vez, é a primeira vez".

É sempre e jamais. A incompletude do sujeito joga tudo nessa reiteração para fechar o círculo sem, contudo, poder fechá-lo pois isso significaria sua impossibilidade: a negação do (possível) sentido amoroso.

"Jamais" e "Sempre" cruzam em si o "Impossível" e o "Cotidiano".

A repetição serve à incompletude, à onipotência e ao sentimento de duração do sujeito. Repetição esta que não é retorno mas **des-continuidade** contraditória. Pela repetição - pelo silêncio pela ruptura - sujeito e sentido têm de transcender o tempo para se instalarem nos contornos do discurso de amor.

## **EU TE AMO**

Essas nossas considerações nos encaminham para a explicitação do mecanismo das **condições de produção** do discurso de amor, o que nos permitirá entender mais amplamente o modo de funcionamento deste discurso.

Para tal, devemos procurar compreender, em seu conjunto, alguns aspectos relevantes dos fatos que estivemos expondo, como: contradição e estereótipo; contradição e dialogia (interação); contradição e pragmática/conversação; contradição e completude; contradição e codificação literária; contradição e silêncio; contradição e ruptura.

Começaríamos por dizer que o "objeto" do discurso de amor pode ser qualquer um. Como já vimos, embora evocando sempre a fala-tipo "eu-te-amor", pode-se falar qualquer coisa para se falar de amor.

Como há sempre um "como" dizer qualquer coisa para dizer eu-te-amor, seria interessante um estudo particular desse "modo" de dizer não-importa-o-quê. Certamente encontraríamos formas e construções recorrentes com alguma regularidade.

No entanto, vamos nos ater às condições de produção e à explicitação do funcionamento dos **sujeitos** e da **situação**.

A partir desses elementos, procuraremos organizar o conjunto de caracterizações sobre as quais falamos no desenvolvimento dessa nossa reflexão.



Começamos pela afirmação de que ao dizer "eu-te-amor" o **sujeito está trabalhando sua finitude e seu desejo de eternidade.**

Sabemos que todo sujeito é constituído por "ilusões" necessárias, ou melhor, sujeito e sentido se constituem em sua unidade por uma ilusão, a do sujeito estar na **origem** do dizer.

No discurso de amor, o sub-produto dessa ilusão toma a forma da relação do sujeito com a duração da sua subjetividade: quando o sujeito diz eu-te-amor, no discurso de amor, ele está praticando, da forma mais acabada, a ilusão da eternidade do sujeito, de sua duração ilimitada enquanto tal.

É isto que é afirmado em "eu-te-amor". Ainda que o "te" torne essa fala possível, não é o "tu" que é afirmado nessa enunciação.

São muitos os efeitos de sentidos produzidos e eles carregam em seu bojo essa ilusão nuclear.

Se pensamos a relação com o já-dito, podemos observar que há como que um "sursis" do sujeito no discurso de amor, uma suspensão provisória da memória do seu dizer: é a primeira vez, para sempre. Eternidade aí tem de combinar com singularidade.

Onde é o início? Aqui, mas para sempre. E se projeta na eternidade.

A contradição. como dissemos, tem a forma do eterno (sempre) e do instante (aqui).

O Eu desse discurso se alimenta da contradição entre o imediato e o eterno, entre o singular e o absoluto.

Dizer eu-te-amor é projetar-se da relação com a finitude no desejo de eternidade. Por isso, nesse discurso, amor e morte se "tangem", de várias maneiras e sentidos.

A incompletude do sujeito e a negação dela estão em relevo.

No discurso de amor, o movimento de identidade - entre a incompletude e o desejo de ser completo - toma a forma da ilusão da **eternidade** do sujeito: ser completo é ser eterno.

"Não quero contar histórias,  
Porque história é excremento do tempo,  
Queria dizer-lhes é que somos eternos  
eu, Ofélia e os manacás".

(Adélia Prado, **A Esfinge**)

A forma de interlocução que se estabelece no discurso de amor é atravessada por essa condição que liga o imediato ao eterno.

O locutor (L) se desdobra em interlocutor-intérprete (li), o da

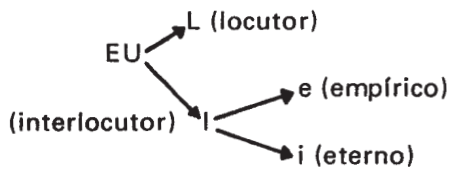
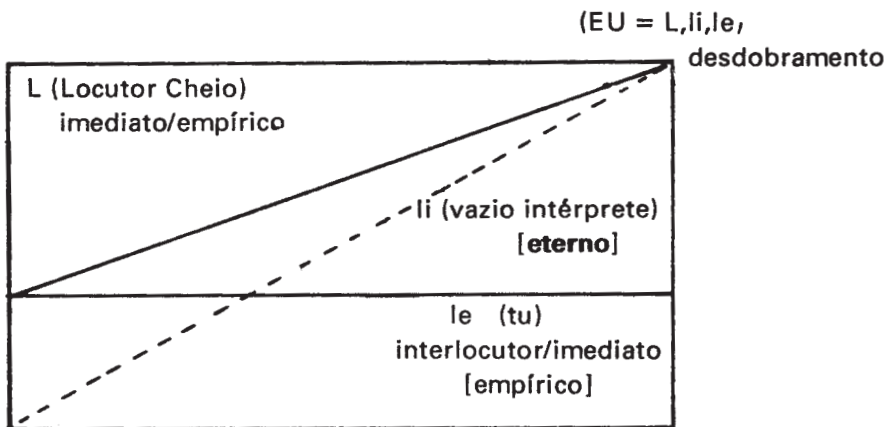


eternidade e mantém, além dele, o interlocutor-empírico (le), o do imediato:  $Eu (L) < li - le$

O interlocutor-intérprete é um sujeito vazio; o interlocutor-empírico, por sua vez, vale por sustentar o intérprete. É o seu lugar possível.

A divisão do sujeito significa aí sua absolutização: ele se desdobra nos vários lugares de interlocução, visando tudo preencher, absolutizar-se.

### Forma de Interlocução (fig. 1)



$L = L, i, e$  - Uma vez desdobrada, a presença de L em seu duplo (ele é o locutor e o interlocutor) garante a complexidade (contradição), a não-circularidade do jogo de interlocução: é também o lugar do vazio, do silêncio, do possível.

A enunciação, por sua vez, nessas condições, se explicita em sua direção única, no funcionamento do discurso de amor:

Funcionamento  
(fig. II)



O discurso de amor "coisifica" (presentifica) a relação do "eu" com a eternidade.

O EU é o que dura eternamente, e o ideal desse discurso é que exista UMA enunciação, única e definitiva. Marcada pelo efeito de eternidade do sujeito. Daí a repetição não se colocar como tal e não produzir deslocamento no tempo. Ela também se absolutiza.

A duração, aqui vale pelo não compromisso com história factual. Desse modo, essa enunciação, repetida, não acumula como dado empírico (do imediato). O efeito de memória resulta no eterno da enunciação: sem começo nem fim. "A gente refaz o mesmo caminho/não se lembrando de nada" (Barbara).

O que se afirma, pois, com o "te amo", não é o te amo mas a eternidade do Eu. O "te", na repetição, pode até mesmo mudar, adquirir outras determinações factuais, empíricas. "Ama e nem sabe mais o que ama". O Eu, em sua eternidade, é que garante o único da enunciação que dura. O "te amo" só vale por afirmar o Eu.

O tempo, se se pode dizer, é o **Presente Eterno**: "O que se desatou num só momento não cabe no infinito".

Os limites?

Contraditoriamente, o sujeito tem de viver seu sentimento de eternidade na forma que a história determina.

Mesmo que haja rupturas e que as determinações sociais e histórico-evenemencias sejam suspensas, a forma do discurso de amor não é a mesma no século XV e no século XX.

Encontramos aí mais um ponto de contradição. A-temporal, não muda na história factual, entretanto tem uma forma histórica geral que se transforma. Mesmo porque o "eu" do século XV não é o mesmo do século XX. Individualiza-se diferentemente.

E aí está talvez uma sua característica maior: a sua eternidade se modaliza na história.

O que nos aponta para o fato de que, nesse discurso, há também tensão e ruptura entre a textualidade (histórica) e a história da tex-

tualidade.

Na sua ilusão constitutiva, o sujeito trabalha (historicamente) sua prática simbólica, seu deslimite, sua incompletude, falando de amor. Eterno amor. De cada dia. E fala ao outro, com as suas (do outro) palavras, falando no entanto a si mesmo e de si mesmo, em um movimento que deixa apreender regiões obscuras da sua subjetividade. Numa fala que se repete indefinidamente para ser, no entanto, diferente a cada vez.

Como se o sujeito vivesse constantemente o "comentário" (Foucault, 1971) de um enunciado primeiro (efeito de pre-construído) ao mesmo tempo passado e não formulado, futuro e inatingível. E que, no presente, se apresenta, no entanto, como absoluto. Sem passado ou sem futuro: o enunciado-total.

#### NOTA

1. Como em Narciso, a imagem é reflexo no "espelho", mas é reflexo na "água", fluida.

#### BIBLIOGRAFIA

M. Foucault: *L'ordre du Discours*. Gallimard, Paris, 1971.

S. Lagazzi: *O desafio de dizer não*. Pontes, Campinas, 1988.

E. Orlandi: "A incompletude do sujeito", in: *Textos e Sujeito*, PUC, S. Paulo, 1988.

C.K. Orecchioni: "Hétérogénéité énonciative et conversation", in *Les sens et ses hétérogénéités*, Paris, CNRS" (no prelo) Colóquio de Urbino, 1988.

M. Pêcheux: *Les Verités de La Palice*. Maspero, Paris, 1975.